

Animais que curam: circulação de saberes e medicamentos de origem animal no Reino português.

Leonardo Gonçalves Gomes.*

Durante séculos a Europa vivenciou uma prática curativa baseada no galenismo. Concepção terapêutica alicerçada nos estudiosos da antiguidade greco-romana, na farmácia oriental e nos saberes da cultura popular de diferentes partes do mundo conhecido, o galenismo foi uma teoria que deu o norte para o desenvolvimento da medicina neste continente. Com o advento do renascimento cultural, iniciou-se um processo paulatino de reestudo da prática medicinal no ocidente, surgindo assim diversos questionamentos aos escritos galênicos.

No decurso dos séculos XVI e XVII, o mundo europeu protagonizou, segundo João Rui Pita, “uma efervescência científica que compreende inovações científicas e tecnológicas” (PITA *in* ANTONIO, 2000:X). Neste período temos o desenvolvimento da astronomia, da física, das ciências naturais e conseqüentemente do campo medicinal. É neste contexto que nascem as quatro principais teorias sobre o corpo humano que fizeram frente ao galenismo: Iatroquímica, Iatromecânica, o Boerhaaviorismo e o Animismo¹. Paralelo ao processo de aperfeiçoamento e criação de novos conceitos da prática medicinal, os séculos XVI e XVII também experimentaram a proliferação de uma diversidade de novas ervas e drogas medicinais por todo o continente europeu. A maioria destas naturas vinha do oriente (árabes, hindus, chineses e outros), mas algumas eram originárias da África e da América. Além disto, também temos a crescente

* Mestrando em História Social pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro – Faculdade de Formação de Professores.

¹ Estas quatro teorias possuem suas bases nas novas descobertas científicas do mundo moderno. A Iatroquímica é baseada numa visão química dos processos terapêuticos, fisiológicos e patológicos. A Iatromecânica estuda o corpo através das leis físicas e mecânicas. O Boerhaaviorismo possui influências da Iatromecânica e da química e o Animismo possui uma ênfase nas patologias psíquicas. Influenciado pela química, esta teoria analisava a distinção entre matéria e espírito, vivo e inerte. Para maiores detalhes ver o interessante estudo de: DIAS, José Pedro Souza. *A Farmácia e a História: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica*. Pagina 18. Disponível em: <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf>. Acesso: 15/03/2011. 11:00 hs. Pag. 53 a 55.

utilização de medicamentos químicos na Europa, que a princípio era proibido pela Igreja, pois o Santo Ofício associava à química a alquimia.

Devido à larga produção de conhecimento da prática médico curativa neste período, a publicação de obras literárias de cunho medicinal sofre um grande desenvolvimento. Várias farmacopéias - manuais de ensino sobre a prática médico-farmacêutica e da fabricação de drogas e composições medicamentosas, contendo a sistematização de diversas naturas utilizadas na produção de “remédios” bem como da finalidade curativa de cada um destes - são produzidas por iniciativas particulares e, posteriormente, a mando das autoridades reinóis, durante o período em questão². As mais conhecidas foram a: *Pharmacopea Augustana* (1601 com outras edições até 1794), *Pharmacopea sive de vera pharmaca conficiendi et praeparandi methdo* (Itália – 1617, sendo reeditada até 1790), *Farmacopea Londinense* (Inglaterra - 1618, com várias edições posteriores), *Pharmacopea Amstelredamensis* (Holanda – 1636), *Pharmacopea Parisiense* (França – 1638), *Pharmacopea Bruxelensis* (Bruxelas – 1641, com posteriores edições até 1739), *Pharmacopea Antuerpensis* (1661) e *Pharmacopoea cathalana sive antodotarium barcinonense* (Espanha – 1686) (PITA in ANTONIO, 2000:XIII). Além da influência sobre a circulação de ervas e drogas medicinais pelo mundo conhecido, estas obras em muito corroboraram para uma padronização e aperfeiçoamento da prática fármaco medicinal.

Em contraste com a Europa, o mundo português segue um caminho diferente no desenvolvimento da sua terapêutica. Enquanto os grandes centros europeus experimentam os efeitos da “efervescência científica” e o contínuo abandono a concepções medievais de cura, o Reino lusitano se mantém apegado à tradição aristotélica-galênica. Tamanha era à força destes conceitos na sociedade portuguesa que os adeptos as novidades da ciência europeia, em pleno início do século XVIII, eram chamados pejorativamente de “estrangeirados” (RIBEIRO, 1997:116). Ou seja, no Reino português, o desenvolvimento da ciência, segundo os moldes das grandes Nações europeias, encontrava na tradição galênica a sua maior “barreira”.

² Para maiores detalhes sobre as Farmacopéias ver os interessantes estudos sobre o assunto de: GUERRA, F. Carvalho. ALVES, A. Correia. Breve notícia histórica sobre as Farmacopéias portuguesas até o século XIX. In, História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal. Org. Barbosa & Xavier. Lisboa, Lda-Braga. 1987.

Além de ser culturalmente diversificada, a prática médico-farmacêutica no Portugal setecentista era também hierarquizada e estigmatizante. Os membros que compunham a arte curativa eram divididos e reconhecidos socialmente segundo a área de atuação, começando pelo médico, seguido por físicos e cirurgiões, logo após os boticários e droguistas, e por último barbeiros, sangradores e etc. (EDLER, 2006:48-51). Atrelado ao fator profissional, o respeito e reconhecimento por parte da sociedade passava pelo clivo religioso e sanguíneo. Segundo o *Estatuto de Pureza de Sangue*, qualquer pessoa que desejasse se dedicar à vida acadêmica, a um cargo público ou religioso, ansiasse pertencer a uma ordem militar ou religiosa, deveria possuir sangue puro, ou seja, não poderia ter origem judaica, mourisca, indígena, negra, cigana, mestiça, etc. (CALAINHO, 2006:39-45). Os que não se encaixavam neste círculo, além de serem privados dos privilégios relacionados acima, passavam gerações sendo vigiados pela sociedade e pelo Santo Ofício que estavam sempre alerta para saber se estes, chamados cristãos novos, não voltariam à antiga fé. Sabemos que esta diferenciação entre cristão velho e cristão novo durante todo período que durou foi muito flexível e ambígua, mas, ainda assim, vários foram os profissionais da medicina portuguesa perseguidos devido a sua origem sanguínea.

Apesar de não serem muito abertos às transformações que estavam ocorrendo no campo medicinal europeu durante o século XVII, os portugueses foram influenciados, ainda que lentamente, pelo crescente processo de produção literária fármaco-medicinal. Durante o mesmo século, obras de grande relevância são produzidas em Portugal. Dentre as principais, temos a *Opera Medica*, de Francisco Sanches (1636), e a *Farmacopéia elegantíssima* de Zacuto Lusitano (1667), ambas, farmacopéias. Estas obras em muito corroboraram para o desenvolvimento e circulação do saber médico-farmacêutico lusitano, mas as mesmas, assim como a grande maioria dos livros deste período, eram escritos em latim, o que limitava em grande escala o público que se utilizava delas.

Ao abrir-se o século XVIII, podemos assistir em Portugal uma intensificação do processo de produção de manuais da prática fármaco-medicinal. Conhecido como o século das farmacopéias em Portugal, o período setecentista nos trouxe as seguintes obras: a *Pharmacopea Lusitana* (1704), do boticário e agostiniano D. Caetano de Santo Antônio; a *Pharmacopea Bateana* (1713), do médico inglês Jorge Bateo; a

Pharmacopea Ulyssiponense (1716), do droguista francês João Vigier; a *Pharmacopea Tubalense Químico-galênica* (1735), do boticário Manoel Rodrigues Coelho; a *Pharmacopea Portuense* (1766), do cirurgião António Rodrigues Portugal; a *Pharmacopea Meadina* (1768), de Ricardo Mead; a *Pharmacopea Dogmática* (1772), do boticário João de Jesus Maria; a *Pharmacopea Lisbonense* (1785), do médico e boticário Manuel Joaquim Henriques Paiva e a *Pharmacopeia Geral*, a primeira farmacopéia oficial do Reino, escrita pelo lente da Faculdade de Medicina da Universidade de Coimbra, Francisco Tavares (1794) (PITA in ANTONIO, 2000:XVII-XVIII).

Dentre os agentes que corroboraram para o paulatino desenvolvimento da prática fármaco-medicinal no Império, encontramos os boticários, que segundo a historiadora Vera Beltrão, eram homens que para curar se “valiam de todos os recursos”, lançando mão de conhecimentos que vinham de “Mezinheiros aos Pajés, passando por formulações desenvolvidas pelos jesuítas” (MARQUES, 1999:29). Ao falar sobre o caráter intermediário destes profissionais na sociedade lusitana setecentista, José P. S. Dias diz que estes eram “simultaneamente mecânicos e distintos da maioria dos mecânicos” (DIAS, 2007:02). Sendo considerados como importantes agentes da prática curativa, mas sem possuir a formação e o status que era creditado aos médicos, os boticários se tornaram figuras plurais da medicina portuguesa, se destacando inclusive na escrita de farmacopeias e tratados medicinais que obtiveram grande circulação no Reino.

Entre as farmacopeias escritas por um boticário, que obtiveram larga expressividade no Império português, podemos destacar aqui a Farmacopéia Tubalense Químico-Galênica. Seu autor foi Manoel Rodrigues Coelho, natural da Vila de Setúbal, tendo nascido em 1687. Foi examinado como boticário em Lisboa no ano de 1707, e aí se estabeleceu com botica na Correaria, junto ao Convento dos Carmelitas Descalços (DIAS, 2007:103). Sua obra foi originalmente composta e dividida em dois blocos, com publicação em 1735 – sendo esta a que abordaremos aqui - tendo uma terceira parte sido publicada em 1751. Na primeira parte o autor trata da questão teórica da medicina portuguesa, ensina a preparar receitas medicamentosas galênicas e químicas mais utilizadas em Portugal. Também apresenta um dicionário de termos medicinais do período, além de dedicar os capítulos XXVI, XXVII e XXVIII para descrever a origem

geográfica e formas de reconhecer um total de 318 simples de efeito curativo na natureza³. Na segunda parte o autor trata do que ele denomina de “seletas” composições medicamentosas e apresenta uma descrição dos pesos e medidas mais usuais no Império Português. Nestas duas partes, a obra descreve 961 medicamentos de origem química ou galênica. (DIAS, 2007:109).

Dos simples curativos listados por Manoel Rodrigues Coelho, 208 são vegetais, 59 minerais e 51 são animais. Nestes dados podemos observar que a grande fonte primária dos medicamentos do Reino era a sua flora. Rossuel-Wood ao falar sobre a circulação destas naturas no Império afirma que entre as várias ervas que eram comercializadas no Reino para fins medicamentosos estavam a pimenta, gengibre, maná, ruibarbo, cravo da índia, canela, âmbar, tamarindos, cevada, trigo, mel, etc. (RUSSEL-WOOD, 1992:195-198).

Apesar de as ervas serem as mais presentes nas receitas medicamentosas do Reino, os simples de origem animal também possuíam sua importância na terapêutica lusitana. O Capítulo XXVI da farmacopeia tubalense apresenta uma lista significativa de produtos curativos desta natureza. Tal lista – descrita na tabela abaixo - nos é muito reveladora sobre a cultura medicinal portuguesa setecentista e a circulação destes “remédios” pelo mundo.

³ Simples é o termo utilizado no período para designar os medicamentos galênicos produzidos a base de um único elemento da natureza. Para maiores esclarecimentos ver: ANTONIO, Caetano de Santo. *Pharmacopea Lusitana*. 1704. Edição Fac-similada. Org. e nota introdutória João Rui Pita. Coimbra. Minerva. 2000.

**TABELA 1.1 - FARMACOPEIA TUBALENSE: CAP XXVI-SIMPLES
CURATIVOS-ANIMAIS**

"REMÉDIO"	ANIMAL	ORIGEM SEGUNDO AUTOR	INDICAÇÃO CURATIVA
Ajofar / Pérola	Ostras	Índias Orientais e Ocidentais, Golfo Pérsico, Ceilão, Japão, Ilha Baharen, Mar pégu, China, México e Cuba.	Contra venenos, hemorragias, enfermidade do sangue e purifica o sangue.
Almiscoar	Quadrúpedes - semelhantes a Corça	Ásia	Atenuante, defecante, fortifica o coração e excita o ato venéreo e combate a surdez
Algália / Zibethum	Gato da Algália	Índias Orientais e Ocidentais e a China	Resolutiva e Anodina
Anhima	Ave de Rapina	Brasil	Contra venenos, sufocações da Mãe e provoca o parto.
Aranhas do Peru	Aranha	Peru	Combater o veneno com folha de figueira
Armadilho	Tipo de Tatú	Brasil	Combate a surdez e zumbidos do ouvido
Bison	Boi Bravo	Índias	É sudorífero e combate venenos
Bojobi / Cobra verde	Cobra	Vem dos índios	É venenoso
Bucho da Ema	Ave / Ema	Maranhão / Brasil	Conforta o estômago, cura pedra na bexiga e urinar.
Caymones	Lagarto	Índias	Combate a febre quartã
Cantaridas	Moscas	Espanha, França e Itália	São corrosivas e vexatórias
Carcharias	Tubarão	América	Combate pedra nos rins, hemorragias e urinar no ventre.
Castoreo	Animal da Terra e da Água	-----	Atenuante dos humores viscosos
Cavalo Marinho	Parecido c/ Crocodilo	Nilo / Egito	Combate venenos, febres, fluxo de sangue e urinar
Chamaleão	Camaleão	Arábia, Egito e Síria	-----

Cobra de Cascavel	Cobra	Brasil / México	Contra o veneno usar pó de unicórnio, raiz serpentina ou tomando escremento h
Cochonilha	Inseto	Espanha e México	Contra febres, males cardiacos, pedras frente e impede o aborto.
Crocodilo	Crocodilo	Ásia, África, América, Panamá e Egito.	Gordura resolutive e nerviana
Dente de Angala	Angala	Angola	Rebate febres malignas, faz madurar abcessos, sair bexigas e sarampos.
Esperma Ceti / Miolos de Baleia	Orca, Cachalot e Byaris	Galiza e Noruega	Resolutiva, anodina, dissolve o crasso do sangue coagulado. Para dores nas tripas cólicas
Espodeos / Marfim	-----	Gregos e árabes	Adstringente, dulcificante dos ácidos, hemorragias, cursos e gonorreias.
Estinco Morino	Lagarto	Egito	Excita o ato venereo, diaforético, rarefaz, combate venenos.
Grude de Peixes / Huuso / Exossis	-----	Moscóvia	Incrassa o sangue, é anodino, serve nas dos bofes e na dizenteria.
Guaynumbi	Pássaro	Vem dos índios	Combate a Gota Sciatica
Lebre Marina	Peixe	-----	Faz cair o cabelo e vomitar
Leite	Mulher, cabra, burras, ovelhas e vacas.	-----	-----
Maça do Leão	No bucho do Leão	-----	Faz parir no mesmo instante
Maça da Vaca	No bucho da Vaca	-----	Faz líquido que alivia os camarentos
Pedra do fel da vaca	Vaca	-----	Cura ictericia ou istericia
Madre perola / Nacar	Ostras	-----	Adoça as acritudes dos humores, cura frente e hemorragias.
Marfim	Elefante	Ásia, África e Indias Orientais	Combate fluxo do frente, febres, Corrobora no estômago, nas lombrigas e
Dente de Elefante	Elefante	Ásia, África e Indias Orientais	Febre, dores da Pleura e reumatismo.
Maça do Elefante	Bucho de elefante velho	Ásia, África e Indias Orientais	Combate dores na barriga, pleuras obstruções do fígado.
Oleo de elefante	Elefante	Ásia, África e Indias Orientais	Combate a falta de respiração e asthmas

Mel	Abelha	-----	Branco: provoca escarros, facilita a adelgaça a fleuma grossa e laxa o frento detersivo, digestivo, atenuante e resolutivo
Múmia	Homens e mulheres	Egito, Libia e deserto de Zara.	Cura gangrena, contuções, evita o sangue, é detersiva, vulneraria, age contra sufocações uterinas.
Olhos de caranguejo	Caranguejo	Índias orientais e ocidentais e o Marquezado de Brandeburg.	Dulcificante dos ácidos praeter-naturae ardor do estômago, cólicas, areas dos febres continuas, feridas, contusoens, hemorragias.
Ossos do espinhaço da cobra Zuchi ou Zuíche	Cobra	Angola	Combate dores na garganta e cura alporco
Pedra bezoar oriental	Cabra silvestre e animais similares	Pérsia, Índia oriental e Malaca	Alexipharmacas contra veneno, fortifica excita o suor, suspende os cursos do fi malignas, bexigas, sarampos, epilepsia melancolia e é absorvente.
Pedra bezoar ocidental	Cabras, veados e vacas da região	Índias ocidentais, Perú.	As mesmas virtudes da pedra oriental remissas.
Pedra de porco espim	Porco espinho	Índias orientais, Malaca, Bom, Ceilão, Etiópia, África e Itália	Combate quenturas malignas, bexigas, suor, a insensível transpiração e partícula do sangue.
Pedra de Cobra de moer, ou Capelos	Cobras	Trazidas pelas Cafres e de Mombaça	Combate melancolia, mordedura de peçonhentos, alivia a natureza de qualquer ou malignidade, para o parto e males qu o coração.

Pedra Iguanha	Lagartos	América e Brasil	Combate males e retenções da urina. purifica o sangue, quebra pedra nos rins e faz evacuar.
Ponta de Rinoceronte	Rinoceronte	Ásia, África, Syam e China	É contra o veneno, fortifica o coração, e combate febres malignas e pestilencias.
Sal armoniaco	Camelos e outros animais do deserto	Deserto da Lybia e Arábia	É dissolvente e atenuante dos humores. Provoca suor, urina e resiste a putrefacção. Resolutivo nas inflamações, combate febres intermitentes e excita os menstros.
Tomencio	Pássaro	Brasil	Licor idoneo, bom para epilepsia.
Víboras	Víboras	Portugal, França e Espanha	Purifica o sangue e corrige fermentos escuras. Se ser cheia de sal volatil, combate bexigas, queimaduras malignas, herpes, sarna, cataratas e resolve os humores crassos.
Vitela marina	Phoca / amphibio - foca	-----	Faz durmir, gordura é emolliente, e corrige os menstros e corrige os vapores.
Unha de gran besta	Animal grande	Polonia, Prussia, Suíça, Noruega e Ilhas de Canadás	Para accidentes da Gota coral, tremores, e affectos dos nervos e cabeças
Unicornio da Ave Inhumana, ou Anhuma, e do esporão que tem nos encontros das asas.	Ave	Brasil, Lagoas e Rio São Francisco	É contra todo veneno e malignidades do sangue. E contra a mordida de cobra de cascavel.
Unicornio marino / Ponta do peixe Narval ou Rhoar	Peixe	Mares da Islândia e Groelandia	Rico em sal volatil, é contra veneno, e febres malignas, bexigas, pestes e sarças. E diaphoreticas, purificantes do sangue e contra epilepsia.

Podemos observar na tabela acima que dos 51 simples curativos listados, segundo o autor, 16 vinham da Ásia e/ou Índias orientais, 08 da Europa, 14 da África, 16 da América e/ou Índias ocidentais – sendo 07 do Brasil – 02 das Índias – o autor não especifica qual delas – 09 não são identificadas a sua origem e 02 eram utilizados pelos índios, mas não se sabe de qual região (COELHO, 1735:Cap.XXVI). Somente com esses dados podemos afirmar que entre o Reino português e outras partes do mundo conhecido existia uma forte circulação de partes de animais com efeito curativo. Mas, além de descrever a origem da maioria dos produtos, Manoel Rodrigues Coelho afirma que 03 itens da lista eram comercializados pelos holandeses, 01 pelos venezianos, 01 pelos portugueses e 01, o unicornio marino, era produzido em tão larga escala que, na época em que a obra foi escrita, este produto valia a milésima parte do seu valor no passado (COELHO, 1735:179-180).

Ao estudar sobre o comércio de especiarias e produtos curativos no Império lusitano, Russel Wood afirma que as relações comerciais portuguesas se estendiam por uma vasta região da Ásia e parte da África (RUSSEL-WOOD, 1992:227). Outro expoente desta temática, o historiador Charles Boxer, diz que desde o século XVI, Portugal já era uma grande “plataforma de distribuição de especiarias que abasteciam diversos mercados europeus e no atlântico” (BOXER, 2001:70). Em meio a esta circulação comercial, era grande a presença de naturas curativas que enchiam os estoques de boticas espalhadas por todo o Reino e, a inserção do Brasil neste contexto, só veio a ampliar e fortalecer o comércio medicamentoso português.

Para além da circulação das naturas de efeito curativo, o capítulo XXVI da Farmacopeia Tubalense nos oferece um prisma sobre os saberes curativos que envolviam os medicamentos que circulavam no Reino. Tendo como coluna mestra a teoria dos humores, os medicamentos portugueses eram produzidos tendo como norte a ideia de que deviam combater o humor em excesso no corpo, pois só assim curariam o enfermo. Termos como anodino, resolutivo, defecante, sudorífero, etc., são próprios da terapêutica humoral. Homem de seu tempo, Manoel Rodrigues Coelho acreditava que as doenças eram originárias do desequilíbrio dos humores, que poderia ocorrer devido a influências naturais e sobrenaturais. Por isso, o medicamento utilizado devia ter poder um contrário à força do humor. Assim, se um determinado humor for frio, a receita

medicamentosa deveria ser de natureza quente para que a harmonia do corpo fosse restabelecida.

Nesse processo, o galenismo oferecia medicamentos que aos nossos olhos seriam um tanto “exóticos”. Na lista da Tabela 1.1 encontramos chifres, testículos, partes do estômago, urina, dentes e até excremento humano como poderoso remédio contra os males do corpo. Mas, sem dúvida nenhuma, o medicamento mais estranho da lista já citada é a múmia. O corpo humano era algo sagrado para a Igreja e o uso de partes deste como algo com poder curativo era associado à feitiçaria e curandeirismo indígena e africano, ambos condenados pela Santa Inquisição. Deste modo, a indicação de um corpo humano não cristão e africano em um livro medicinal aprovado pelo Santo Ofício, é uma das muitas contradições presentes na medicina portuguesa setecentista. O autor ainda acrescenta que as melhores múmias eram os “corpos violentamente mortos, e não por enfermidades. Resplandcentes e negras” (COELHO, 1735:170). Tal afirmação nos mostra que além de elementos associados ao universo demoníaco, as superstições populares também se faziam presente no conhecimento médico-farmacêutico português.

Outra manifestação das crenças mágico religiosas no capítulo XXVI da Farmacopeia Tubalense são os amuletos protetores, conhecidos entre os africanos como “bolsas de mandinga”. Dos itens da lista de Rodrigues Coelho 04 são amuletos. O sentimento de insegurança tanto física como espiritual gerava uma necessidade generalizada de proteção de diversos males físicos, sociais e espirituais. Segundo a historiadora Daniela Calainho, o costume do uso de amuletos em Portugal foi corrente às primeiras décadas do século XVIII, envolvendo não apenas escravos, mas também homens brancos (CALAINHO, 2008:109-112). Feitas de couro, veludo, chita ou seda, as bolsas continham ingredientes variados, como ossos de defuntos, desenhos, orações católicas impressas, sementes, dentre outros apetrechos, mesclando diversas tradições culturais. Como o Reino não possuía profissionais medicinais suficientes para atender a população, “era comum à recorrência aos atos mágicos” (RIBEIRO, 1997:97).

Em meio a toda a miscelânea cultural medicinal lusitana, havia ainda a presença da Santa Inquisição, que era terminantemente contrária a utilização de magia e coisas do gênero na prática curativa, mas que julgava as mesmas práticas de maneira ambígua. Um indígena ou africano que utilizasse naturas de origem duvidosa para fins curativos

provavelmente seria preso e condenado pelo Santo Ofício, mas se tratando de um boticário de Lisboa licenciado, tal condenação seria rara. Ou seja, uma das instituições religiosas que teoricamente era a mais contrária ao uso de produtos que ferissem os bons costumes, foi também grande influenciadora na mistura de conhecimentos letrados e saberes populares, configurando o que Ginzburg chamou de “circularidade cultural”⁴. Deste modo, como bem Keith Thomas, “era a presença ou a ausência da Igreja que determinava a propriedade de qualquer ação” (THOMAS, 1991:53). Ou seja, o que atestava se um processo curativo foi realizado com a ajuda de Deus ou das forças demoníacas era a Igreja.

Após analisarmos a lista de simples curativos de origem animal, podemos concluir que durante o período setecentista existia no Império Lusitano uma forte circulação de naturas e saberes curativos que mesclavam conhecimentos de várias partes do Reino, oriundos de práticas populares e fontes eruditas. Tendo como premissa a terapêutica galênica, que possuía brechas para a presença de elementos mágico-religiosos, estes medicamentos misturavam culturas e crenças religiosas da Europa, Ásia, África e América. A publicação de farmacopeias e tratados medicinais só veio a ampliar a circulação desses saberes e remédios pelo Reino, angariando riquezas para mercadores, boticários e droguistas e fortalecendo os conceitos do galenismo na medicina portuguesa, apesar das muitas críticas a esta concepção de medicina no ocidente europeu.

Podemos também perceber no capítulo XXVI da Farmacopeia Tubalense que apesar de o Oriente/Ásia ser a grande fonte portuguesa de ervas e drogas medicinais, seguida pela África, a América portuguesa já começa a galgar importante espaço na terapêutica reinol com seus produtos de efeito curativo. Assim, podemos crer que a lista dos animais indicados como possuidores de poder curativo de Manoel Rodrigues Coelho, para além de demonstrar a existência da circulação de produtos medicamentosos no Império Lusitano, ela também nos aponta sobre as mudanças sócio-políticas que estavam ocorrendo neste período na relação entre Portugal e seus domínios ultramarinos.

⁴ Para um maior entendimento sobre este conceito desenvolvido por Ginzburg, ver o interessante trabalho: GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

FONTES

COELHO, Manoel Rodrigues. *Pharmacopea Tubalense Chimico-galenica*: Roma – Italia. Officina de Balio Geredini, 1760.

BIBLIOGRAFIA

ALMEIDA, Fortunato. *História da Igreja em Portugal*. Porto: Portucalense Editora, 1967.

ANTONIO, Caetano de Santo. *Pharmacopea Lusitana*. 1704. Edição Fac-similada. Org. e nota introdutória João Rui Pita. Coimbra. Minerva. 2000.

ARAÚJO, Maria Benedita. *O conhecimento empírico dos fármacos nos séculos XII e XVIII*. Lisboa: Editora Cosmos, 1992

BOXER, Charles. *O Império colonial português. 1415/1825*. Lisboa: Edições 70, 1981.

BRAUDEL, Fernand. *Escritos Sobre a História*. São Paulo, Perspectiva. 1978.

CALAINHO, Daniela Buono. *Agentes da Fé: familiares da Inquisição Portuguesa no Brasil Colonial*. São Paulo, Edusc. 2006.

_____. *Jesuítas e Medicina no Brasil Colonial*. Tempo, Rio de Janeiro, volume 10, nº 19, pp. 61-75. Julho, 2005.

_____. *Metrópole das Mandingas: Religiosidade negra e inquisição portuguesa no antigo regime*. Rio de Janeiro. Garamond, 2009.

DIAS, José Pedro Souza. *A Farmácia e a História: Uma introdução à História da Farmácia, da Farmacologia e da Terapêutica*. Pagina 14. Disponível em: <http://www.ff.ul.pt/paginas/jpsdias/histsocfarm/Farmacia-e-Historia.pdf>. Acesso: 15/03/2011. 11:00 hs.

_____. *Droguistas, Boticários e Segredistas. Ciência e Sociedade na Produção de medicamentos na Lisboa de Setecentos*. Lisboa, FCG / FCT.2007.

EDLER, Flavio Coelho. *Boticas e Pharmacias: uma historia ilustrada da pharmacia no Brasil*. Rio de Janeiro. Casa da Palavra, 2006.

FILHO, Lycurgo de Castro Santos. *Historia geral da medicina brasileira*. São Paulo: Hucitec / EDUSP, 1991.

- GINZBURG, Carlo. *O Queijo e os Vermes*. O cotidiano e as idéias de um moleiro perseguido pela Inquisição. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.
- GUERRA, F. Carvalho. ALVES, A. Correia. Breve notícia histórica sobre as Farmacopéias portuguesas até o século XIX. In, *História e Desenvolvimento da Ciência em Portugal*. Org. Barbosa & Xavier. Lisboa, Lda-Braga.
- HERSON, Bella. *Cristãos Novos e seus descendentes na medicina brasileira (1500/1850)*. 2º Ed. Ampl. São Paulo, EDUSP. 2003.
- LEMONS, Maximiliano de. *História da medicina em Portugal: doutrina e instituições*. Lisboa: Dom Quixote, 1991.
- LINDEMANN, Mary. *Medicina e Sociedade no Início da Europa moderna – Novas abordagens da história europeia*. Lisboa, Replicação, Lda. 2002.
- MARQUES, Vera Regina Beltrão. *Natureza em Boiões: Medicinas e boticários no Brasil Setecentista*. São Paulo. Unicamp, 1999.
- MATOSO, José. *Coleção História de Portugal*. Portugal, Editora Estampa. 1995.
- NOVINSKY, Anita. *Cristãos-novos na Bahia. A Inquisição*. Rio de Janeiro: Perspectiva, 1992.
- PITA. João Rui. *Historia da Farmácia*. Coimbra, Minerva, 1998.
- RIBEIRO, Márcia Moisés. *A ciência dos Trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII*. São Paulo. Hucitec, 1997.
- RUSSEL-WOOD, A. J. R. *Um mundo em movimento: Os portugueses na Ásia, África e América (1415-1808)*. Lisboa: Difel, 1992.
- SOUZA, Laura de Melo e. *O Diabo e a Terra de Santa Cruz*. Feitiçaria e religiosidade popular no Brasil Colonial. São Paulo. Companhia das Letras, 1986.
- THOMAS, Keith. *Religião e o Declínio da Magia: crenças populares na Inglaterra, século XVII e XVIII*. São Paulo, Companhia da Letras, 1991.
- VAINFAS, Ronaldo (org). *Dicionário do Brasil colonial (1500-1808)*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2000.
- VIRGEM, João. *História das plantas da Europa e das mais usadas que vêm da Ásia, da África e da América*. Leon: Anisson, Posuel & Rigaud, 1978.